

O reconhecimento de gênero como fenômeno em secundidade¹

Taís SEVERO²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Em nossa tese, atualmente em desenvolvimento, buscamos nos aproximar das bases semióticas que produzem uma compreensão comunicacional do gênero. Para tanto, iniciamos pela análise faneroscópica, a partir de C. S. Peirce, do ato de reconhecimento de um gênero. Este movimento se revela profícuo ao demonstrar como a reação do reconhecimento que ressalta a secundidade ocorre, grosso modo, nos gêneros que inequivocamente comunicam a cis-heterobinária; enquanto pessoas de gêneros variados ou divergentes enfatizam a terceiridade do fenômeno e levam à alteridade.

PALAVRAS-CHAVE: semiótica; gênero; faneroscopia; Peirce; transgêneros.

A semiótica de Peirce não foi concebida como uma disciplina isolada; pelo contrário, a ciência dos signos integra e co-protagoniza um projeto de compreensão do mundo e da realidade. Nesse processo, a fenomenologia – ou faneroscopia, o termo preferido por Peirce – foi delineada pelo autor como uma forma de investigação que “determina e estuda os tipos de elementos universalmente existentes no fenômeno; entendendo por *fenômeno* tudo o que está presente para a mente, em qualquer momento e de qualquer maneira” (CP, 1.186, tradução nossa)³.

Para Peirce, a teoria dos signos também é uma teoria da mente, mobilizada pela missão de compreender a formação de conceitos como o pensamento, a consciência, a realidade e a verdade. Se os pensamentos são signos interpretando outros signos, o *phaneron*, ou fenômeno, é então a maneira como apreendemos e somos apreendidos pela semiose: tudo que surge à mente, independente de sua relação com o real. Dessa forma, é aquilo que “aparece, como aparece, mesmo que, ao aparecer, pareça ser mais do que mera aparência [...] O objetivo da faneroscopia é observar essas aparências sem julgar sua veracidade” (Short, 2007, p. 67, tradução nossa)⁴.

¹ Trabalho apresentado no GP Semiótica da Comunicação, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação no PPGCOM/UFRGS e integrante dos núcleos Corporalidades e Semiótica Crítica do GPESC - Grupo de Pesquisa Semiótica e Culturas da Comunicação, email: impopster@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

³ “Phenomenology ascertains and studies the kinds of elements universally present in the phenomenon; meaning by the *phenomenon*, whatever is present at any time to the mind in any way.”

⁴ “is what appears, as it appears, even if, as it appears, it appears to be more than mere appearance. [...] It is phanerostopy’s business to note such appearances, but not to judge their veracity.”

Peirce (CP, 1.295-1.297) identifica a primeiridade, a secundidade e a terceiridade como subcategorias distintas, mas simultâneas, de todo fenômeno. A primeira categoria é irreduzivelmente monádica; a segunda é irreduzivelmente diádica; e a terceira, irreduzivelmente triádica. Sendo assim, Peirce (CP, 5.66) define que a) a primeiridade é a ideia daquilo que é tal como é, independente de qualquer outra coisa, sendo a qualidade de um sentimento; b) a secundidade é a ideia daquilo que é tal como é, como segunda para algum primeiro, independente de qualquer outra coisa, sendo uma reação; e c) a terceiridade é a ideia daquilo que é tal como é, como terceira relacionando um segundo e seu primeiro, sendo representação.

Nos fenômenos primeiros, *qualidade* indica qualquer característica que pode ser percebida em si, como uma unidade; que pode ser abstraída a partir de sua ocorrência individual; e que pode ser compartilhada por mais de uma individualidade (Savan, 1988). A “ideia daquilo que é tal como é” alude à maneira como o fenômeno se faz presente à mente: pura aparência, sem necessária conexão com a verdade ou o real. Assim, fenômenos na categoria de primeiridade são qualidades em si, como uma cor: *azul* não é uma descrição física exata, mas a qualidade que cada pessoa experiencia, e que só pode ser compreendida e comunicada através de comparações e abstrações (pois, por ser monádica, não se refere a coisa alguma). Em outro exemplo, consideremos a seta em uma placa, que indica uma direção a seguir: primeiridade não é a placa em si, nem o material com que ela é feita – mas a direção apontada, sendo o aspecto relevante que é abstraído das outras características físicas do objeto.

Já os fenômenos em secundidade são aqueles em relação, e que reagem a um primeiro: a partir do sentimento provocado pela seta na placa decorre um ato, o caminhar naquela direção, uma vez que “reação é secundidade pura” (CP, 6.212, tradução nossa)⁵. Para Peirce (CP, 8.266), a secundidade é a mais proeminente entre as três categorias, devido às exigências práticas do cotidiano. Ela se faz presente de forma corriqueira, e se manifesta a pleno no “choque da reação entre o ego e o não-ego. Aí está a dupla consciência do esforço e da resistência” (CP, 8.266, tradução nossa)⁶. Tal fenômeno é percebido como um atrito, um encontro forçado, em um par onde experienciar esforço é experienciar resistência e vice-versa, e que se manifesta sem

⁵ “[...] reaction is Secondness in its purity.”

⁶ “[...] shock of reaction between ego and non-ego. It is there the double consciousness of effort and resistance.”

relação a um terceiro, como uma ação bruta – “eu me refiro a ela como bruta, porque assim que uma ideia de *lei* ou *razão* aparece, a terceiridade chega” (CP, 8.330, tradução nossa)⁷.

A secundidade, então, caracteriza-se como uma invasão que perturba um estado prévio – para além de qualquer efeito, mesmo que possa ser julgado como positivo, como o alívio que sucede a dor. Nesse aspecto de choque ou conflito, ressaltamos que Peirce não se refere a um sentimento consciente: como a primeiridade é qualidade pura, a mera reação, ou observação inicial sem julgamento, já é o irromper da secundidade. Qualquer análise necessitará de um terceiro que lhes relacione intelectualmente. Sendo assim, os fenômenos primeiros e segundos não são diretamente acessíveis à consciência senão por um instante, e sempre de forma infalivelmente fugaz. Compreender um fenômeno em primeiridade ou secundidade é sair delas – o que não significa que não tenham deixado sua impressão, e participado da apreensão semiótica da realidade.

Assim, a terceiridade surge como a combinação de dois fenômenos, ou a relação entre eles, sendo a própria combinação seu terceiro. A ideia de vinculação também pode ser entendida como a mediação entre dois componentes, que se apresenta à mente como elaboração intelectual. É, portanto, o elemento que é inteligível, capaz de ser representado por um signo, e que tem força de *lei* – aquilo que determina o que pode ser interpretado como significado de um signo (CP, 8.268).

Com as categorias faneroscópicas expostas, podemos então nos dedicar à análise comunicacional-semiótica do gênero. Entendemos que o reconhecimento é uma função essencial do gênero, uma vez que é corriqueiro, cotidiano e constante. Ao caminhar pelas ruas, perceber visualmente outra pessoa traz à mente, de imediato, uma série de informações; entre elas, inevitavelmente, o gênero de quem se aproxima. Não é necessário um comando consciente e voluntário para identificar marcadores de gênero: na maior parte dos casos, basta um olhar para que se chegue a uma conclusão imediata, sem a necessidade de um raciocínio intencional. Há, é claro, a atividade mental em reconhecer padrões, que trazem de forma subjacente as regras que os ordenam; mas por ocorrer “instantaneamente”, percebemos que somos atingidos pelo fenômeno em secundidade, mera reação a alguém que entra em nosso campo de visão.

⁷ “Generally speaking genuine secondness consists in one thing acting upon another, -- brute action. I say brute, because so far as the idea of any *law* or *reason* comes in, Thirdness comes in.”

De fato, ter de analisar, elaborar e “decidir” o gênero de alguém é retirar o reconhecimento de gênero da secundidade e trazê-lo para a terceiridade: se torna investigação, busca por pistas e suas hierarquias, categorização voluntária. E como toda lei, deslinda e reproduz julgamentos – o que produz outros signos como insegurança, insatisfação, curiosidade, fascínio, abjeção, admiração, desinteresse. Precisar mobilizar uma elaboração intelectual para definir externamente o gênero de alguém é uma tarefa ligada, inexoravelmente, a um contexto; no caso, o domínio da cultura, que é sempre influência e terceiridade.

Tal análise inicial, que integra nossa tese de doutorado em curso, busca verificar o reconhecimento de gênero como fenômeno que ressalta a secundidade ou a terceiridade de um signo; e dessa forma, nos auxiliar a perceber como a comunicação age enquanto componente do gênero. Para tanto, nos apoiamos nas performatividades de gênero realizadas por pessoas trans, em particular nos mecanismos de “passar” por cisgênero, mobilizados e salientados por indivíduos dessas populações. Anteriormente, demonstramos⁸ que “passar” habilita, às pessoas trans, as mesmas vivências sociais das pessoas cisgênero, sejam elas positivas ou negativas, eliminando a outridade de um gênero reconhecido como trans; e como os estereótipos de gênero absorvem igualmente tanto as pessoas cis como as pessoas trans que “passam”, higienizando e naturalizando os papéis de gênero. Sendo assim, partimos do pressuposto de que “passar” por cisgênero é, de modo geral, comunicar através do corpo concomitantemente a) um gênero inteligível, b) um gênero cis-binário, e c) um gênero que se adequa às normas culturais hegemônicas (em contraste com o oposto – a identificação de um gênero trans que posiciona seu sujeito às margens da cultura). “Passar”, então, permite que a cadeia de semioses tenha continuidade (ou simultaneidade) com os fenômenos em secundidade que comunicam outras características, como idade e aparência, sem que dúvida, surpresa ou interrupção alavanquem o raciocínio.

Se “passar” é reproduzir de forma satisfatória os signos do gênero que se deseja e intenciona comunicar, buscando a efetivação de um reconhecimento externo enfatizado pela secundidade, a pessoa com marcadores de gênero “confusos”, conflitantes, ausentes, suavizados, distorcidos; enfim, diferenciados dos padrões estabelecidos

⁸ Severo, Tais. *In/visibilidades: A constituição dos mundos trans nos transgender studies e nas comunidades do Reddit*. 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220397>. Acesso em: 26 jun. 2024.

(relacionados aos gêneros cis-binários) salienta a terceiridade do fenômeno. Nesses casos é preciso notar com intenção, raciocinar; e traz à frente da consciência uma ação que comumente é automática. A proeminência dos elementos em terceiridade no processo de reconhecimento de gênero é um tremor que ocorre igualmente às pessoas trans que *não conseguem* “passar” (como pode ocorrer no caso de mulheres que não têm condições de pagar pela remoção a *laser* dos pelos faciais, entre muitos outros fatores), como aquelas que *não desejam* “passar” – seja ao empregar propositalmente marcadores de gênero discordantes, como pessoas *genderqueer*; por buscar dificultar um reconhecimento ancorado ao binário, como ocorre com pessoas agênero; ou porque “passar” não é um efeito idealizado, como no caso de muitas pessoas travestis.

No entanto, um reconhecimento de gênero evidenciado em terceiridade não é restrito às pessoas trans: pessoas cisgênero são submetidas aos mesmos efeitos quando desafiam ou falham em performar os polos binários do sistema sexo/gênero. É um caso que ocorre às mulheres cis que exibem marcadores de gênero masculinos, e é evidenciado pelas vivências *butch*⁹. Mulheres trans que não “passam”, mulheres cis de aparências ou traços considerados masculinos, e pessoas cis *butch* são três exemplos unidos por uma experiência comum: podem provocar desconfiança, estranheza, e sofrer os efeitos práticos da discriminação de gênero. Tornam-se sujeitos, interseccionalmente, a um maior risco de agressões, violência e cerceamento dos direitos civis, e todos são passíveis de interpelação em espaços comunitários como instituições de ensino, restaurantes ou parques – e seus respectivos banheiros¹⁰. Os gêneros que realçam a terceiridade em seu reconhecimento são tão numerosos e granulares, que o hábito que ordena o regime de signos relacionado ao reconhecimento de gênero em secundidade só se efetua naquelas pessoas que aparentam e enfatizam, inequívoca e binariamente, as balizas estipuladas culturalmente, senso comum, como “homem” ou “mulher”.

De imediato, classificar um reconhecimento de gênero eficiente ou ideal como um fenômeno em secundidade nos provoca desconfianças – em especial por ser evidente que os gêneros são produzidos e reproduzidos através de normas que se assemelham ao dogmático, como já demonstrado pelos estudos feministas e pelas teorias *queer*. E como

⁹ Identidade de gênero que se refere a certas pessoas cisgênero designadas como mulheres ao nascer, mas que, com vigor, assumem aparência e postura associadas aos signos estereotípicos masculinos.

¹⁰ Como demonstramos no artigo In/visibilidades de gênero, pessoas trans e banheiros públicos, *Eikon*, n. 13, jul. 2023. Disponível em: <https://ojs.labcom-ifp.ubi.pt/eikon/article/view/1291>. Acesso em: 26 jun. 2024.

ressalta Short (2007), na doutrina faneroscópica segundos não incorporam terceiros, assim como primeiros não incorporam segundos ou terceiros; não encontramos primeiros a não ser como componentes de um segundo, e não encontramos segundos senão como componentes de um terceiro. Sendo assim, parece contraditório afirmar que pode haver um reconhecimento de gênero em secundidade, prescindindo do raciocínio, de leis gerais de representação, de elementos intelectuais – todos estes, marcas da terceiridade. No entanto, primeiros e terceiros não existem como objetos reais; um primeiro pode qualificar algo real, e um terceiro pode ser instanciado em algo real, mas a factualidade se exprime em secundidade. Assim, é a reação cognitiva, especialmente, que informa a possibilidade de um reconhecimento que opera como fenômeno diádico, contendo as leis que ordenam o ato, mas em si isolada destas.

As secundidades e terceiridades enfatizadas no reconhecimento de gênero ressaltam o potencial comunicativo dos signos associados ao gênero. Entendemos que, ao reconhecermos um outro, somos afetados por signos generificados em secundidade e, caso não haja experiência em contrário, não levamos adiante as semioses mais complexas que buscam identificar e definir um gênero. Ou seja: a não ser na presença de marcadores de gênero inesperados ou contraditórios, a elaboração (intelectual) permanece encoberta, tendo sua influência cedido as regras que, então, são mobilizadas de forma automática na ação da secundidade (cognitiva). Assim, diante das regularidades que formam os territórios semióticos relacionados ao gênero na contemporaneidade, depreendemos que a qualidade de um sentimento subjetivo associado a “homem” ou a “mulher” é primeiridade; numa fração de segundo, reconhecer um indivíduo como “parece um homem” ou “parece uma mulher” é ato em secundidade; e a terceiridade apenas confirma a lei, “vejo um homem” ou “vejo uma mulher”, caso necessário ou relevante¹¹. Destarte, o gênero é comunicado semioticamente ao corporificar aspectos específicos do regime de signos que apreende cada gênero legível.

¹¹ Não ignoramos as subjetividades não-binárias; nem a possibilidade do ato de reconhecer uma pessoa não-binária; nem as leis que permitem que reconheçamos um outro como agênero, travesti, transgênero, *genderqueer*, etc. Reforçamos, no entanto, que nossa visada busca observar como as experiências das pessoas trans tensiona o regime de signos hegemônico em vigor, visibilizando os ordenamentos sexopolíticos e semióticos que operam sob o conceito de gênero.

REFERÊNCIAS

PEIRCE, C. S. 1931-58. **Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Vol. 1-8. HARTSHORNE, Charles; WEISS, Paul; BURKS, Arthur (eds). Cambridge, Harvard University Press. Citado como CP.

SAVAN, D. **An Introduction to C. S. Peirce's Full System of Semeiotic**. Toronto Semiotic Circle: Toronto, 1988.

SHORT, T. **Peirce's Theory of Signs**. New York: Cambridge University Press, 2007.